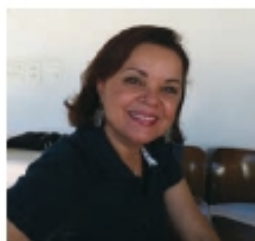


Breves notas sobre corrupção



A corrupção é matéria de capa de importante revista semanal. Os brasileiros começam a sair às ruas, manifestando sua indignação. Finalmente. Somos expostos, diz a matéria, a reportagens que “revelam vergonhosas práticas de corrupção em todos os níveis do governo”. A cada ano nos são roubados cerca de 85 bilhões de reais. São mencionadas como as principais causas da corrupção: fragilidade das instituições, hipertrofia do Estado, burocracia e impunidade. Os “homens de bem... se sentem perdidos e desamparados”. No final da matéria há a reflexão de que, como a corrupção é inerente às sociedades humanas, talvez seja utópico esperar que ela acabe, mas, “como todas as pragas, pode ser mantida em um nível mínimo”.

Lançando nosso olhar psicanalítico sobre essa questão, vamos com Freud (1927). O processo civilizatório exige o sacrifício da satisfação dos impulsos e isso gera hostilidade contra o agente regulador das relações dos homens, a própria cultura. Desejos primitivos se repetem e o princípio do prazer-desprazer sempre insiste. Se houver alguma disposição patológica a coisa complica. Os que invejam fortemente aqueles que consideram privilegiados fazem o que podem para se livrar da privação. O corrupto não se submete, como o “homem de bem”, ao princípio de realidade, não acata a lei. Diz Freud que, na mente, o elemento primitivo encontra-se preservado, ao lado da versão mais desenvolvida dele. Algumas restrições são aceitas. Outras, não.

O superego, instância indispensável, tem como funções o estabelecimento da consciência moral, da formação de ideais, da auto-observação. Não me refiro a aspectos extremamente rigorosos nem a superego assassino, e sim ao resultado de identificações que apontem para a constituição de um ser social, moral, ético. Quando esses valores são frágeis a capacidade de resistir às tentações se esgarça, rompe, e aí a ocasião pode, sim, fazer o ladrão. Nos corruptos a internalização do superego não foi bem-sucedida. Eles se permitem fazer aquilo que lhes prometa prazer, e seu único medo é o de serem descobertos e punidos. Permanecem num estágio em que a autoridade temida é externa. Portanto, para eles são necessárias medidas externas de coerção.

Freud também diz que quanto mais estabelecido o superego numa cultura, menos necessárias se tornam essas medidas. Ocorre que..., diz a matéria, “dos bilhões desviados a cada ano, o governo só consegue descobrir 1%. E recuperar uma quantia insignificante”. Uma análise feita pela Controladoria Geral da União mostrou que a probabilidade de um funcionário corrupto ser condenado é de menos de 5%, e de cumprir pena de prisão, quase zero. É, pelo visto teremos que marchar muito... e cuidar cada vez melhor das crianças. Por óbvios motivos.

Cíntia Xavier de Albuquerque - SPB